

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2021

## HERMENÊUTICA DOS SINÓTICOS: A MUDANÇA DE SENTIDO DE TEXTOS PARALELOS DOS SINÓPTICOS, DETERMINADA PELA DIFERENÇA CONTEXTUAL

HERMENEUTICS OF THE SYNOPTICS: THE CHANGE OF MEANING OF PARALLEL TEXTS OF THE SYNOPTICS, DETERMINED BY CONTEXTUAL DIFFERENCE

Me. Rafael Blume Pereira de Almeida<sup>1</sup>

### RESUMO

Trata-se da questão do sentido do texto bíblico, levando em consideração o paralelismo dos fatos narrados em Mateus, Marcos e Lucas. Este é um dos interesses dos estudiosos da Bíblia, motivo da pergunta central que estamos procurando responder: as narrativas bíblicas dos evangelhos sinóticos têm o mesmo sentido e guardam a mesma mensagem? Escolhemos o conceito de contexto como ponto de sustentação do sentido. Levamos em consideração os seguintes autores e teóricos: Erich Mauerhofer (2010), William M. Klein (2017), Walter Kaiser Jr. (2009), Donald Carson (1997), Gordon Fee (2011) e Grant Osborne (2009). Evidenciamos a interferência do contexto na leitura dos sinóticos. Temos a hipótese de que, quando o texto muda de contexto, de

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela FABAPAR, na linha de pesquisa Leitura e Ensino da Bíblia, sob a orientação da Professora Dra. Marivete Zanoni Kunz. E-mail: rafaelblume@gmail.com

intencionalidade, ele passa a guardar outra mensagem. E esta é a hipótese que nos move.

**Palavras-chaves:** Evangelhos. Sinóticos. Leitura. Contexto.

## ABSTRACT

This is the question of the meaning of the biblical text, taking into account the parallelism of the facts narrated in Matthew, Mark and Luke. This is one of the interests of biblical scholars, reason for the central question that we are trying to answer: do the biblical narratives of the synoptic gospels have the same meaning and keep the same message? We chose the concept of context as a point of support for meaning. We take into account the following authors and theorists: Erich Mauerhofer (2010), William M. Klein (2017), Walter Kaiser Jr. (2009), Donald Carson (1997), Gordon Fee (2011) and Grant Osborne (2009). We evidenced the interference of the context in the reading of the synoptics. We have the hypothesis that, when the text changes its context, its intentionality, it starts to keep another message. And this is the hypothesis that moves us.

**Keywords:** Gospels. Synoptics. Reading. Context.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a questão do sentido do texto bíblico, levando em consideração o paralelismo dos fatos narrados em Mateus, Marcos e Lucas. Este que é um dos interesses muito debatidos entre leitores da Bíblia, motivo da pergunta central aqui motivadora: as narrativas bíblicas dos evangelhos sinóticos têm o mesmo sentido e guardam a mesma mensagem?

Para responder, sob um ponto de vista, essa questão, escolhemos o conceito de contexto como ponto de sustentação do sentido. E, neste artigo, interessamos evidenciar a interferência do contexto na leitura dos sinóticos. Temos a hipótese de que, quando o texto muda de contexto, de intencionalidade, ele passa a guardar outra mensagem. E esta é a hipótese que nos move.

## 1. A QUESTÃO SINÓTICA

Os três primeiros evangelhos são reconhecidos como sinóticos, pois se relacionam de maneira muito próxima entre si. Joahn Jakob Griesbach foi o primeiro a publicar uma sinopse com uma apresentação paralela destes evangelhos em 1774. A palavra ‘sinótico’ se refere a uma “visão conjunta” do

mesmo fato.<sup>2</sup>

A questão sinóptica é umas das mais difíceis da ciência introdutória do Novo Testamento. A teoria das duas fontes evoca a hipótese das fontes do Pentateuco. A questão sinóptica se aplica em entender a formação dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, de como eles possuem relatos paralelos com tantos “pontos em comum”. Como relata Mauerholfer (2010), Cullmann desenvolve o pensamento de que a estrutura dos três evangelhos são tão similares que “podem sem dificuldades anotá-los em três colunas lado a lado e lê-los de maneira paralela” e por isso eles são intitulados de sinópticos. Essa nomenclatura foi usada pela primeira vez por Grisbach no século XVIII, que significa “ver em conjunto” ou “ver pelo mesmo ângulo”. Assim, Cullmann interroga: “como se explicam, de um lado, o parentesco desses três evangelhos entre e si, e de outro, as diferenças de tudo o que existe entre eles?”. F. F. Bruce diz que há muitas centenas de versículos iguais (ou com pequenas variações) entre eles. Por exemplo, dos 666 versículos de Marcos há somente 31 que não possuem paralelos. Stold chama os sinópticos de “um fenômeno literário realmente singular”.<sup>3</sup>

O primeiro a levantar o problema foi Tarciano, no ano 170 como o livro *Diatessaron* (harmonia dos evangelhos) e depois Agostinho tece considerações sobre o assunto em *De consensu evangelistarum*, defendendo que os evangelhos foram escritos na ordem que estão no cânon.<sup>4</sup>

As primeiras hipóteses existentes apresentadas por Mauerhofer são as extrasinópticas. Entre elas está a hipótese do protoevangelho, desenvolvida por Lessing, pela qual os evangelhos usaram como base um protoevangelho aramaico chamado de Evangelho dos Nazarenos. A hipótese dos fragmentos ou das diégeses apresenta a proposta, desenvolvida por Heinrich Paulus, que os evangelhos “coleccionaram e aproveitaram anotações de testemunhas oculares”.<sup>5</sup> Haveria coleções de histórias de milagres, dos ditos de Jesus e da história das paixões. O argumento se baseia na afirmação do prólogo de Lucas. Existe ainda a hipótese de tradição oral, que considera que os relatos foram acumulados de um protoevangelho disseminado pela tradição oral

<sup>2</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 71.

<sup>3</sup> MAUERHOFER, 2010.

<sup>4</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 198.

<sup>5</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 198.

e não escrita. Ainda a hipótese extrasinóptica pela qual a produção seria desenvolvida por uma mescla das anteriores.

A segunda linha de hipóteses é a proposta intrassinóptica.<sup>6</sup> Esta teoria considera que os evangelhos tenham usado uns aos outros, para formulação de seus textos. A primeira seria a teoria de Agostinho, que Mateus é o primeiro a ser escrito, em seguida Marcos e então Lucas. A segunda teoria é a de Griesbach que mantém a prioridade de Mateus mas postula uma nova sequência: Mateus, Lucas, Marcos. Porém, em 1838 uma teoria leva a uma “grande guinada”, a teoria do proto-Marcos, diferente do Marcos atual. Lachmann percebe que Mateus e Lucas só convergem quando estão na mesma sequência de Marcos e se convergiam nos ditos de Jesus. Em seguida se desenvolve a teoria das duas fontes ou hipótese de Marcos onde Mateus e Lucas teriam usado o evangelho de Marcos como mais uma fonte Q desconhecida, desenvolvida por Schleiermacher. Até que Streeter amplia a teoria das fontes, em 1924, e desenvolve a hipótese das quatro fontes: Marcos, Q (de Antioquia), M (ditos de Jerusalém), L (fonte da Cesareia). Mateus seria Marcos + Q + M e Lucas seria Marcos + Q + L. A crítica das formas, em Bultmann, tenta tirar os evangelhos da categoria de história. Eram apenas a coletânea de tradições orais com contornos não autênticos ou originais, produto dos evangelistas, sendo, então, lendas, mitos, novelas, etc. Os evangelhos são apenas querigmáticos. Posição que é rechaçada veementemente por Mauerhofer.

A hipótese de Marcos é aquele que se tornou a mais aceita, porém Mauerhofer levanta argumentos que desmontam a infalibilidade desta hipótese. Como argumento crítico então tem-se que: a fonte Q nunca existiu; partes de Marcos são de materiais exclusivo e não foram, “de maneira alguma, mencionados” pelos outros; Mateus e Lucas “omitiram unanimemente” os mesmos transbordamentos dos textos de Marcos; Mateus e Marcos enxertam exatamente no mesmo lugar, em Marcos, os mesmos textos por 35 vezes; por 22 vezes, Mateus e Marcos fazem modificações idênticas ao texto de Marcos, porque parece haver uma polarização entre a hipótese de Marcos e a de Mateus enquanto existem pelo menos 33 possibilidades de harmonização. A teoria das fontes defende que o evangelho menor é o mais antigo. Mas como pode, uma vez que, em muitos textos, o relato de Marcos ser o mais

<sup>6</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 201.

detalhado? A teoria das fontes é a que melhor se encaixa ao “esquema” histórico-crítico. Os próprios autores da tese, Wilke e Weisse dizem que sua teoria foi produzida sobre uma outra tese não comprovada, correspondente à datação dos evangelhos; A hipótese das fontes se cala sobre a história dos pais da igreja. Assim, Mauerhofer conclui que o “status quo” da hipótese de Marcos é questionável e caminha para um beco sem saída.<sup>7</sup>

Porém, Mauerofer propõe uma solução. E, para tal, ele considera que a inspiração, inerrância, a credibilidade, a não-contrariedade e o apostolado de Jesus são fundamentos básicos para a análise das Escrituras. O testemunho da igreja antiga tem que ser levado em consideração, pelo fato de estar muito mais próximo dos eventos da redação. Também é importante ouvir estudiosos respeitadíssimos na pesquisa bíblica que defendem a prioridade de Mateus e da Cambridge Griesbach Conference onde 50 exegetas do mundo todo se reuniram para debater a questão.<sup>8</sup>

A proposta, não definitiva, de Mauerhoufer na elaboração do sinópticos apresentada é essa: os ensinamentos de Jesus; a gravação na memória e pro escrito pelos discípulos (entre anos 27-30); a proclamação evangelística e missionária dos apóstolos (a partir do ano 30); a redação de Mateus em aramaico (40/45); a redação de Lucas (60) e Atos (63); a redação de Marcos a partir das memórias de Pedro, porém com acesso a Mateus e Lucas (64-67); a tradução de Mateus para o grego (antes de 100).

É nessa direção que, neste artigo, pretendemos responder se as narrativas, individualmente colecionadas, selecionadas, organizadas e editadas por cada evangelista tem o mesmo sentido e contém a mesma mensagem. Para continuar esta análise é preciso identificar as características desse gênero literário.

## 2. EVANGELHOS: UM GÊNERO NARRATIVO PARTICULAR

O evangelho é um gênero literário único na história, um novo tipo de literatura.<sup>9</sup> Ainda que os evangelhos tenham semelhanças com as biografias do mundo greco-romano, eles não se encaixam perfeitamente por ter finalidade querigmática clara. As biografias greco-romanas eram muito

<sup>7</sup> MAUERHOFER, 2010.

<sup>8</sup> MAUERHOFER, 2010.

<sup>9</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 67.

variadas em estilo e estrutura e têm características comuns com os evangelhos no sentido de eles apresentarem os acontecimentos mais relevantes da vida do biografado. A intenção das biografias, ao relatar os atos ou feitos de uma pessoa, tinha como objetivo revelar sua essência ou o estilo de vida. Porém os evangelhos têm objetivo diferente, sua real intenção estava relacionada a uma proclamação, uma “obra dirigida à pregação e que se destaca de tudo o mais no mundo antigo”.<sup>10</sup>

No entanto Klein, Blomberg e Hubbard Jr, classificam os evangelhos como biografias teológicas<sup>11</sup> uma vez que as características de uma bibliografia helenística, no geral, tem grande afinidade com os evangelhos.

Os biógrafos helenistas não se sentiam levados a apresentar todos os períodos da vida do protagonista nem narrar tudo em ordem cronológica. Eles escolhiam acontecimentos cuidadosamente para ensinar certas lições morais ou promover uma ideologia particular, e eles frequentemente se concentravam na morte da pessoa, porque acreditavam que o modo que as pessoas morriam revelava muito sobre seu caráter. O prólogo de Lucas (Lc 1.1-4), na verdade, é bem parecido com as introduções de vários escritos dos Judeus antigos, dos gregos e dos romanos como Josefo, Heródoto, Tácito, Ariano, Dião Cássio e Salústio.<sup>12</sup>

Segundo Gordon Fee, os evangelhos não são biográficos ainda que seja parcialmente biográficos, antes são as memórias dos apóstolos e foram escritos com a intenção de registrar os “fatos acerca de Jesus, lembrar o ensino de Jesus, e dar testemunho de Jesus”.<sup>13</sup> Assim a sua finalidade era registrar o testemunho dos apóstolos a respeito de Jesus, aquilo que viram e presenciaram. Por isso, a igreja tem ao lado quatro evangelhos, com a finalidade de reforçar o testemunho e a proclamação de quem era Jesus, do que ele fez e ensinou e testemunhar seus milagres sua morte e ressurreição. Assim, um gênero único na história.<sup>14</sup>

Como gênero literário, tem-se tentado classificar, historicamente, os evangelhos em diversos outros tipos de literatura. Entre eles, alguns classificam

<sup>10</sup> CARSON, 1997, p. 55.

<sup>11</sup> KLEIN, 2017, p. 637.

<sup>12</sup> KLEIN, 2017, p. 636.

<sup>13</sup> FEE, 2011, p. 156.

<sup>14</sup> FEE, 2011.

como *aretalogias*, que seriam as histórias de homens divinos, enfeitando ou exagerando as realizações ou feitos de algum guerreiro que havia sido herói no passado. Ainda outros classificam como comédia, que seria histórias com final triunfante; tragédias onde o personagem é derrotado após algum ato heroico ou de grandeza; épicas, assim como *Ilíadas* de Homero; ainda outros veem como escritos parabólicos, escritos com a finalidade de revelar um mistério e não para relatar fatos históricos. O evangelho de Mateus tem sido comparado a um midrash judaico escrito sobre Marcos e sobre a fonte Q acrescido de enfeites e acréscimos fictícios para ensinar questões teológicas. Porém, existem entraves em cada uma destas propostas, não se encaixando apropriadamente em nenhuma destas qualificações.<sup>15</sup>

O evangelho tem como objetivo a “boa mensagem” que apresenta, no centro, a paixão, a morte e ressurreição de Jesus Cristo. A palavra grega *evangelion* significa “boas-novas” e era um termo técnico para a entrega de uma notícia de vitória de imperador em campanhas militares, mas também usada para mensagens políticas e também privadas de alegria. No Novo Testamento, a palavra é usada especialmente com o sentido de mensagem da salvação. Os evangelhos como gênero literário têm como particularidade um interesse especial pelas últimas semanas de Jesus e um desinteresse pelos anos de Jesus até seus trinta anos de idade. Outra característica é o desinteresse de ordem cronológica não relatando os acontecimentos sem a preocupação de relatar quanto tempo se passaram entre as cenas além de serem apresentadas em ordem diferentes nos diversos evangelhos sinóticos.<sup>16</sup>

Os evangelhos são relatos narrativos a respeito da vida e dos ensinamentos de Jesus, revelando que a obra de Deus na história atuando na vida, morte e ressurreição de Jesus como consumação das promessas do Antigo Testamento.<sup>17</sup>

O gênero literário, então, contido no evangelho, organizado como bibliografia teológica é, de forma geral, uma narrativa. Narrativa é o gênero literário mais comum nas Escrituras. Este pode ser descrito como o gênero central da Bíblia. “A razão é que ela veio de uma cultura de contadores de história”.<sup>18</sup> Através destes relatos, a fé judaica e cristã foi registrada e

<sup>15</sup> KLEIN, 2017, p. 635; MAUERHOFER, 2010, p. 68.

<sup>16</sup> KLEIN, 2017.

<sup>17</sup> KLEIN, 2017, p. 637.

<sup>18</sup> SMITH, 2015, p. 38 (tradução nossa).

transmitida às próximas gerações, pois através destas histórias ficou registrada a perspectiva de um Deus que atua na história. As narrativas são encontradas no Antigo Testamento de Gênesis a 2 Reis, narrando o período da Criação até o exílio e de Crônicas até Neemias, cobrindo até o retorno do exílio. Mesmo nos demais gêneros literários, as narrativas são encontradas. Há narrativa nos livros proféticos, nos livros de sabedoria, como o exemplo do livro de Jó e até mesmo dentro de alguns salmos. No Novo Testamento, as narrativas são encontradas principalmente nos Evangelhos e em Atos, mas também são encontradas em outros trechos, como por exemplo no livro de Apocalipse.<sup>19</sup>

Narrativa é o relato de eventos, cenas e personagens, movendo-se segundo um enredo, no lapso de tempo, com início, meio e fim, onde os detalhes apresentados são escolhidos para atender o propósito do autor. Assim, narrativa bíblica é história, arte e teologia. Tratando sobre as narrativas, Kaiser Jr. define que

As narrativas em seu sentido mais amplo é um relato de acontecimentos específicos no tempo e no espaço com participantes cujas histórias são registradas em um começo, meio e fim.<sup>20</sup>

Narrativas são histórias que relembram os acontecimentos históricos, no passado, mas tem uma finalidade de ensinar um povo no presente. O ensino através das narrativas é encontrado nos mais diversos povos e culturas antigas, porém as narrativas bíblicas têm uma diferenciação básica em seu enredo maior. O objetivo das narrativas bíblicas é de demonstrar a história de Deus ou a manifestação de Deus na história humana. Gordon Fee, sobre este tópico, afirma que “a história narrada pelo povo não é tanto nossa história, mas é a história de Deus”.<sup>21</sup> Seu enredo apresenta como Deus criou, preservou, salvou, redimiu o seu povo e como Ele desenvolveu o seu plano de redenção ao longo da história. Logo, o grande protagonista do enredo bíblico é Deus e sua relação com a criação e com seu povo. “Narrativas são histórias significativas que recontam os eventos históricos do passado com a intenção de dar sentido e direção a um determinado povo no presente. Isto sempre aconteceu com todos os povos e em todas as culturas”.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> KAISER Jr, 2009, p. 67.

<sup>20</sup> KAISER Jr, 2009, p. 67.

<sup>21</sup> FEE, 2011, p. 110.

<sup>22</sup> FEE, 2011, p. 110.



Na tarefa de interpretação de uma narrativa faz-se necessário compreender com clareza que o propósito das narrativas bíblicas é histórico-teológico. Ainda que as narrativas bíblicas relatem fatos histórico reais, o autor bíblico, ao desenvolver sua narrativa, tem seu propósito em revelar atuação de Deus na história e repassar um ensino teológico. Assim, o modo como o texto está escrito é o objeto da interpretação e não o fato histórico em si. Isso porque a disposição como foi desenvolvida a narrativa cumpre o propósito original do autor. “Nossa tarefa é decifrar o significado do texto histórico-teológico na narrativa bíblica, não reconstruir o evento de origem”.<sup>23</sup>

Ao ler uma narrativa bíblica, é preciso sempre ir em busca de compreendê-la à luz de toda a Bíblia e perceber o que esta narrativa contribui em toda a história da redenção e como ela se relaciona com a teologia de toda Escritura. Assim, entender o todo da narrativa bíblica ajuda na compreensão das narrativas individualmente e interpretar individualmente uma narrativa alarga a compreensão de toda a Bíblia. As narrativas bíblicas devem ser vistas como recorte de uma grande história e não como histórias individualmente.<sup>24</sup>

As narrativas hebraicas, em seu método, utilizam personagens, cenas, enredo, diálogos, tensão e um clímax em seu desenvolvimento.<sup>25</sup> Os detalhes de como a narrativa foi contada servem para o propósito do autor. Greidanus argumenta que

[...] o que encontramos na Bíblia não são os próprios eventos, mas interpretações particulares de certo eventos. Como todos os escritores de história, os autores bíblicos tinham que selecionar cuidadosamente quais eventos lembrados ou registrados eles escreveriam a respeito e quais aspectos destes eventos eles iriam salientar.<sup>26</sup>

Quando o narrador produz sua narrativa e seleciona os detalhes a serem apresentados e o desenvolvimento do enredo, ele o faz com a intenção de construir uma mensagem central, uma vez que são “os melhores indicativos da(s) mensagem(ens) básica(s) de uma obra literária”.<sup>27</sup>

A esta altura, é importante considerar a questão da historicidade nos evangelhos. Os evangelhos são fatos históricos, apesar de ser um gênero

<sup>23</sup> OSBORNE, 2009, p. 255.

<sup>24</sup> GREIDANUS, 2006, p. 121.

<sup>25</sup> GREIDANUS, 2006, p. 240-255.

<sup>26</sup> GREIDANUS, 2006, p. 113.

<sup>27</sup> OSBORNE, 2009, p. 263-264.

literário, com suas técnicas de construção e com um propósito teológico. As narrativas bíblicas são fatos históricos reais. É o relato histórico da vida, ensino, morte e ressurreição de Jesus. Porém as histórias bíblicas devem ser lidas em sua complexidade histórica. Os relatos históricos narrados não seguem os padrões exigidos pelo ideal de objetividade e exatidão histórica da modernidade. As narrativas bíblicas são contadas com diferentes pontos de vista, com narradores oniscientes, com seleção de diálogos, com escolhas literárias estilísticas, demonstrando a intenção por trás do texto. Robert Alter em seu livro *The Art of Biblical Narrative* apresenta que,

é muito provável que o escritor descrevesse fielmente os dados históricos sem adição ou ornamentação substancial. A organização da narrativa, contudo, suas escolhas léxicas e sintáticas, suas pequenas alterações no ponto de vista, seu uso breve, mas estratégico de diálogo produz um restabelecimento imaginativo do evento histórico, conferindo a ele uma forte definição intencional e descobrindo nele um padrão de significado.<sup>28</sup>

Kaiser e Silva dizem que muitas questões foram levantadas sobre o caráter histórico das narrativas bíblicas e que estas questões se tornam fundamentais, principalmente quando se tratam dos evangelhos, uma vez que neles relatam a vida a morte e a ressurreição de Jesus. Muitos alegam que os ensinamentos bíblicos não dependiam do valor histórico dos evangelhos e que as narrativas dos evangelhos poderiam facilmente ser tratadas como parábolas ou mitos.<sup>29</sup>

Por um lado, não é possível classificar os Evangelhos como histórica segundo os padrões de historiografias atuais, porém devem ser avaliados conforme os padrões de seu tempo.<sup>30</sup> Os evangelhos não devem ser vistos propriamente como um livro de história, antes os evangelistas eram pregadores. Eles organizavam, colecionavam, selecionavam os acontecimentos na história de Jesus e os relatam de maneira que contribuíssem para a mensagem que estava sendo proferida.<sup>31</sup> “Eles organizavam o material nem sempre com base na ordem sequencial, mas com a perspectiva de imprimir sobre os leitores verdades específicas”.<sup>32</sup> A seleção e compilação do material era feita

<sup>28</sup> ALTER, 1981, p. 35 (tradução nossa).

<sup>29</sup> KAISER Jr; SILVA, 2009, p. 101.

<sup>30</sup> KLEIN, 2017, p. 638.

<sup>31</sup> KAISER Jr, 2009, p. 103.

<sup>32</sup> KAISER Jr, 2009, p. 103.

não de maneira exaustiva, antes atendiam o propósito de passar o conteúdo necessário, não para um registro histórico preciso e exaustivos, antes atendiam a um propósito querigmático.

Vejamos pro este lado: se Mateus tivesse fornecido cada detalhe que alguns leitores modernos esperam, com a exaustiva precisão necessária para responder a todas as questões, em potencial, suas narrativas não seria apenas excruciantemente longa, mas o que é pior, o impacto de sua mensagem faria com que fosse tragada pelo excesso de informação. Dentro de seu propósito, todavia, Mateus apresentou a verdade da maneira mais persuasiva possível.<sup>33</sup>

Porém, apesar dos evangelhos não serem imparciais e terem propósito de inserir interpretação e significado às histórias não significa que elas devam ser desqualificadas, negadas e nem mesmo julgadas pelos padrões históricos das ciências humanas. Os estudiosos da crítica das formas têm classificado as narrativas bíblicas como “mito, conto tribal, saga, romance (novela), lenda, e narrativa histórica.”<sup>34</sup> Nessa tentativa de classificação se coloca em suspeita a historicidade dos relatos bíblicos<sup>35</sup>. Sydney Greidanus afirma a “imaginar a que extensão essas categorias e seus rótulos expressam uma cosmovisão naturalista que prejudica a historicidade dos eventos descritos em forma de ‘lendas’ e ‘mito’”.<sup>36</sup> Porém os relatos bíblicos são o testemunho de um povo sobre os fatos, de como eles aconteceram e como eles os interpretaram. “A escrita pode usar, com muita naturalidade, o enredo e a expressão artística, mas o interesse do autor é mais do que a expressão estética, a saber, “narrar e interpretar eventos”.<sup>37</sup>

Os próprios personagens das Escrituras liam a Bíblia como narrativa e teologia. Os autores dos evangelhos usaram narrativas do Antigo Testamento para embasar sua teologia e, até mesmo, quando Jesus interpreta as narrativas do Antigo Testamento, ele as usa para ensinar sobre a obra de redenção que ele estava realizando naquele tempo. No encontro de Jesus com os discípulos no caminho de Emaús, Jesus discorre em toda a bíblia e “expunha-lhes o que

<sup>33</sup> KAISER Jr, 2009, p. 104.

<sup>34</sup> GREIDANUS, 2006, p. 75-76.

<sup>35</sup> GREIDANUS, 2006, p. 233.

<sup>36</sup> GREIDANUS, 2006, p. 76.

<sup>37</sup> GREIDANUS, 2006, p. 236.

a seu respeito constava em todas as Escrituras”.<sup>38</sup>

Interpretar os evangelhos é uma tarefa desafiadora, porém muito gratificante. Uma vez que narrativas são uma maneira indireta de ensinar princípios teológicos, faz-se necessário um estudo criterioso, uma análise honesta do texto para ir em busca de sua mensagem. A mensagem é normalmente abordada de modo implícito nos evangelhos. “O ensino implícito é aquele que está claramente presente na história, mas não é declarado em muitas palavras”.<sup>39</sup> As narrativas relatam fatos que “aconteceram e não como elas deveriam ter acontecido ou como devem acontecer o tempo todo”.<sup>40</sup>

Interpretar narrativa é, então, uma tarefa que exige o conhecimento das características da construção de uma narrativa, para, a partir delas, extrair o sentido proposto pelo autor, encontrando adequadamente a ideia central proposta pelo texto. É importante ao leitor ter o cuidado de não incorrer nos erros de perder-se em propósitos e detalhes subsidiários do texto, ou de descontextualização, ou ainda, de imposição de sentidos a elementos da narrativa, desviando-se do significado do texto.

Klein, Blomberg e Hubbard Jr destacam cinco questões fundamentais para interpretação dos evangelhos em decorrência de suas características historiográficas. A primeira é que os evangelhos usam padrões diferentes de citações do mundo antigo. Os evangelistas usavam muitas paráfrases em vez de citações diretas, usavam muitas abreviações e resumo dos discursos e de narrativas. Por exemplo, em Marcos (Mc 5.21-42), no relato da cura da filha de Jairo, Jesus é chamado por duas vezes para ir a sua casa em quanto no relato de Mateus Jesus somente é chamado uma única vez. Como comenta Klein e outros, isto, para os padrões de hoje seria uma inexatidão mas para os padrões dos escritos da época não seria considerado uma falsificação do relato. “Todos esses tipos de mudanças são naturais e comuns nas biografias antigas e não devem ser causa de preocupação”.<sup>41</sup>

Em segundo, a inclusão era seletiva, conforme o interesse do autor. A apresentação do material se encaixava no interesse teológico do autor inspirado. Klein e outros apresentam exemplos de diferenças nos relatos

<sup>38</sup> Lucas 24.25,27,44.

<sup>39</sup> FEE, 2011, p. 121.

<sup>40</sup> FEE, 2011, p. 129.

<sup>41</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD Jr, 2017, p. 637-639.

que atendem aos interesses teológicos. Quando Mateus rela as palavras de Deus como “este é meu filho amado” (Mt 3.17), diferentemente de Marcos, que relatou como “tu é meu filho amado em quem me comprazo” (Mc 1.11) mostra a intenção de Mateus de destacar que Jesus é o filho amado de Deus como o cumprimento das promessas do Antigo Testamento, para o benefício do povo e não como um benefício próprio de ser o filho de Deus. Na tentação de Jesus, Lucas (Lc 4.1-13), diferentemente de Mateus (Mt 3.1-11) e Marcos, coloca a tentação de ser levado ao pináculo do templo em último lugar em um cenário destacado em todo o evangelho de Lucas. Assim temos o terceiro elemento citado por Klein e outros: “Quanto às palavras de Jesus: temos a sua *ipsissima vox, não suas ipsissima verba* [sua voz autêntica, não as suas palavras exatas].<sup>42</sup>

Em quarto lugar a organização era “temática e não necessariamente cronológica”.<sup>43</sup> De maneira similar, as bibliografias gregas onde biógrafos helenistas se sentiam obrigados a narrar os fatos em ordem cronológica mas os selecionavam e organizavam a atender a seus ensinoss assim os evangelhos estão organizados em seções ou blocos por assunto.<sup>44</sup> “Frequentemente, os escritores do evangelho agrupam passagens seguindo um tópico ou tema, mas não cronologicamente”.<sup>45</sup> Por exemplo, estudiosos comumente observam uma estrutura do evangelho de Mateus em torno das cinco seções demarcadas pelos cinco grandes discursos do evangelho<sup>46</sup> e observam uma estruturação do evangelho de João delimitando-as em torno dos oito milagres do evangelho.<sup>47</sup> Por fim, a quinta questão a ser levada em consideração: “os evangelhos são pinturas de Jesus, não fotografias”.<sup>48</sup> São descrições moldadas, esculpidas, delineadas para proclamar a mensagem do evangelho.

### 3. A QUESTÃO HERMENÊUTICA: A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO

Contexto é o todo no qual alguma parte se encontra. Em termos literários, o contexto é o todo maior dentro do qual o texto ou passagem específica se localiza.<sup>49</sup>

<sup>42</sup> KLEIN, 2017, p. 637-639.

<sup>43</sup> KLEIN, 2017, p. 637.

<sup>44</sup> KLEIN, 2017, p. 637.

<sup>45</sup> KLEIN, 1997, p. 642.

<sup>46</sup> CARSON, 1997, p. 68.

<sup>47</sup> CARSON, 1997, p. 152.

<sup>48</sup> KLEIN, 2017, p. 637.

<sup>49</sup> KLEIN, 2017, p. 365.

O sentido exato de um texto está diretamente ligado à conexão do texto com seu contexto. Este é um princípio básico da hermenêutica, um texto retirado de seu contexto será levado a conclusões diferentes daquela pretendida pelo autor. “O sentido pretendido para qualquer passagem é aquele que é coerente com o sentido do contexto literário do qual faz parte”.<sup>50</sup> O contexto literário leva em consideração o material que vem antes e depois do texto em análise. Assim, palavras só têm sentido definido, uma frase só tem sentido específico se comparado com as frases anteriores e posteriores, um parágrafo deve ser analisado pelo conjunto de parágrafos que vem imediatamente antes e imediatamente depois, um capítulo deve ser analisado entre os capítulos imediatamente antes e depois além de que todo o documento em questão serve de contexto dominante para o texto em questão.

Em qualquer trabalho de interpretação devemos levar em conta o contexto:

- a. Imediato – Capítulo ou passagem completa’
- b. Próximo – O livro bíblico em que se encontra
- c. Geral – A bíblia como um todo.<sup>51</sup>

Tirar o texto do contexto provoca um sentimento de deslealdade com o autor ou o falante. Quando as palavras de alguém são usadas contra ela, mesmo que o trecho seja fiel ao que havia sido dito normalmente, provoca a reação de defesa do autor, defendendo e informando que suas palavras foram tiradas do contexto: deslealdade. “Quase todos passamos pela frustração de ter algo que falamos tirado do contexto”.<sup>52</sup> Respeitar o contexto é ser fiel e leal ao autor. É interpretar um texto à luz do todo, do desenvolvimento do argumento. À luz do contexto é possível saber sobre o que se está falando, quais argumentos anteriores já haviam sido tratados, qual o sentido das palavras empregadas, qual o tom que está sendo empregado. Por causa do contexto muitos erros de interpretação têm sido realizados. O professor Gusso diz que esse “tem a causa da maioria do erros de interpretação cometidos, digamos, pelos leigos e mesmo por vários pregadores com formação teológica”.<sup>53</sup>

Gordon Fee propõe uma pergunta para ser feita a cada frase: Qual a razão disso? A partir daí ir em busca do fluxo de pensamento do autor e como

<sup>50</sup> KLEIN, 2017, p. 365.

<sup>51</sup> GUSSO, 1998, p. 29.

<sup>52</sup> KLEIN, 2017, p. 365.

<sup>53</sup> GUSSO, 1998, p. 25.

esta frase contribui para o argumento total.<sup>54</sup> O contexto apresenta o fluxo do pensamento do autor. Um parágrafo anterior prepara para apresentação de um novo parágrafo. Assim o trabalho de interpretação deve levar em consideração o contexto imediato, o contexto próximo e o contexto geral de todo o documento

Há três princípios hermenêuticos fundamentais para se considerar na interpretação de uma passagem segundo William W. Klein, Craig Blomberg e Robert L. Hubbard Jr.<sup>55</sup> A primeira é que “cada afirmação deve ser entendida de acordo com seu sentido natural, no contexto literário em que se apresenta. O segundo princípio é que “um texto sem contexto pode ser um pretexto”. O próximo princípio é: “quanto menor for a passagem maior estudada, maior a chance de erro”.

Analisando o contexto literário é necessário estudar seu contexto literário em diferente áreas, respeitando a sequência lógica contextual ou em seu círculo do contexto. As áreas contextuais são:

- O contexto imediato
- O contexto do livro
- Os livros do mesmo autor
- O testamento todo
- A Bíblia toda<sup>56</sup>

No contexto imediato o estudante se aplica a pesquisar os assuntos trabalhados pelo autor imediatamente antes e depois. O empenho do estudante é encontrar a ‘ideia central do texto’ e a estrutura do contexto imediato. É preciso perceber a ideia central da unidade literária anterior e da seguinte. Em seguida é necessário perceber como as unidades literárias estão estruturadas, como elas se relacionam, como o autor organizou seu pensamento e como as unidades literárias transacionam de uma para a outra. Avançando para o contexto do livro o estudante deve pesquisar o contexto do livro. Nesta área, deve concentra-se no propósito do livro, no esboço do livro e nas passagens paralelas dentro do livro que lidam com o mesmo assunto. Prosseguindo para entender com mais profundidade o pensamento do autor sobre determinado assunto caminha-se para uma pesquisa sobre como o autor trata deste mesmo

<sup>54</sup> FEE, 2011, p. 36.

<sup>55</sup> KLEIN, 2017, p. 370.

<sup>56</sup> KLEIN, 2017, p. 372.

assunto em outros materiais de sua autoria. Em seguida prossegue-se para pesquisar da teologia deste texto a luz do seu próprio testamento e em seguida da Bíblia toda, analisando passagens paralelas com muito cuidado.<sup>57</sup> Na análise intertextual, é fundamento o cuidado para analisar cada passagem em seu contexto, perceber a progressão da revelação ao longo das Escrituras e analisar a teologia deste tópico nas Escrituras.<sup>58</sup>

Como dito anteriormente os evangelistas eram pregadores, colecionando, selecionando, editando e organizando as histórias sobre a vida, os ensinamentos, a morte e a ressurreição de Jesus, com a finalidade de apresentar como um testemunho. Os escritores dos evangelhos não tinham, a priori, um interesse na ordem cronológica, mas antes em apresentar uma mensagem.

Em um sentido real, os escritores dos evangelhos são pregadores. Eles selecionavam acontecimentos da vida e seus ensinamentos guiados não pela inteligibilidade, mas pelo seu propósito ao escrever. Eles organizavam o material nem sempre com base na ordem sequencial, mas com perspectiva de imprimir sobre os leitores certas verdades específicas.<sup>59</sup>

Sendo assim, o contexto é uma questão determinante para o sentido dos textos paralelos dos evangelhos. O contexto interfere diretamente do sentido da perícopa, uma vez, como visto, que a organização e sequência dos textos atendem aos interesses da proclamação e mensagem do evangelista. Como comenta Kaiser, “se tentarmos fazer com que os três evangelhos digam a mesma coisa, poderemos deixar passar um ponto muito importante [do texto]”.<sup>60</sup>

Você pode perceber porque é tão errado ignorar as diferenças entre os evangelhos ou tentar minimizá-las. Em vez disso, ***devemos concentrar nossa atenção nessas distinções e procurar o que cada escritor está tentando nos dizer.***<sup>61</sup>

Os textos devem ser interpretados, conforme proposto por Gordon Fee e Douglas Stuart, de preferência *verticalmente*<sup>62</sup>, ou seja, à luz de seu contexto, enquanto que *horizontalmente* seja importante, ou seja em comparação com

<sup>57</sup> KLEIN, 2017.

<sup>58</sup> CARDIN, 2017, p. 94.

<sup>59</sup> KAISER Jr, 2009, p. 103.

<sup>60</sup> KAISER Jr, 2009, p. 105.

<sup>61</sup> KAISER Jr, 2009, p. 106 (grifos do autor).

<sup>62</sup> FEE; STUART, 2014.



os relatos paralelos. Klein e outros comentam que

*Pensar verticalmente*, portanto tem prioridade sobre pensar horizontalmente. Queremos dizer com isso que qualquer passagem nos Evangelhos deve ser interpretada à luz da estrutura geral e dos temas daquele evangelho, apesar da natureza de qualquer relato paralelo que apareça em outros Evangelhos.<sup>63</sup>

Sendo assim, ainda que os textos paralelos tenham as mesmas palavras o seu sentido será diferente dependendo do contexto quem que a perícope foi inserida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evangelhos são relatos paralelos, inspirados por Deus para mostrar diferentes perspectivas sobre a vida, ensino, morte e ressurreição de Jesus. Foram inspirados por Deus para se complementarem na revelação do evangelho de Jesus Cristo.

Porém, ainda que eles tenham sido escritos em números de quatro e os três evangelhos sinópticos tenham ainda mais estreita relação, a interpretação de seus textos paralelos deve ser feita à luz de seu contexto próprio, uma vez que a organização do texto não foi realizada tendo cronologia como a maior prioridade, mas a organização e proclamação de temas e mensagens.

Aplicando este princípio nos relatos paralelos da parábola do servo bom e mau em Mateus (Mt 24.45-51) e Lucas (Lc 12.42-46) é possível perceber a diferença de finalidade na organização do evangelista e no propósito do texto. Na relato de Mateus esta parábola foi inserida na seção do discurso profético de Jesus, apresentando a ênfase contextual no texto em destaque na questão da vigilância do servo diante da tarefa que lhe havia sido confiada, uma vez que a volta de Jesus seria de forma inesperada. Essa ênfase está de acordo com a exortação à vigilância na parábola da figueira (Mt 24.32-44), a vida do Filho do Homem (Mt 24.29-31), a importância de vigilância na parábola das dez virgens (Mt 25.1-13) e com a profecia do grande julgamento (Mt 25.31-46) que acontecerá na volta de Jesus.

Já no relato de Lucas a parábola está em uma seção que trata a respeito da mordomia cristã, “não buscar riqueza, mas contentar-se com o que você tem e

<sup>63</sup> KLEIN, 2017, p. 642.

ser generoso para com os pobres”.<sup>64</sup> Esse assunto está em questão no contexto imediato nos relatos onde Jesus relata o orgulho dos fariseus, a reprovação de Jesus ao litígio dos irmãos por uma herança e a parábola do homem louco que acumulava bens e o discurso sobre a ansiosa solicitude pela vida, que relata a busca por bens materiais como uma questão dos gentios (Mt 12.29-30). Quando agora o texto apresenta a parábola do servo vigilante, e trata sobre a questão da vigilância escatológica, movimentada a ênfase do texto na mesma ênfase contextual, recaindo sobre as questões da mordomia que se espera àquele que o Senhor confiou seus bens.

Assim, em função do contexto, o sentido do texto está relacionado com a importância de ser vigilante em ser um bom mordomo dos bens que Deus colocou nas mãos de seus servos, pois um dia Ele voltará para, com eles, prestar contas. Ainda que os evangelhos apresentem os mesmos textos, os sentidos estão condicionados às seções temáticas em que estão inseridas e o propósito querigmático do autor.

## REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **The Art of Biblical Narrative**. New York: Basic Books, 1981.

CARDIRN, Hélder. **Hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CARSON, D. A.; MOO, J. Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que Lês?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **How to read the bible for all its Worth**. Zondervan: Grand Rapids, 2014.

GREIDANUS, Sidney. **O pregador contemporâneo e o texto antigo: interpretando e pregando literatura bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

GUSSO, Antônio Renato. **Como entender a bíblia: orientações práticas**

<sup>64</sup>FEE; STUART, 2013, p. 346.

para a interpretação correta das Escrituras Sagradas. Curitiba: ADSantos, 1998.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

KLEIN, Willian W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD Jr, Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MAUERHOFERN, Erich. **Introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SMITH, Steven W. **Recapituring the voice of God: shaping sermons like Scripturs**. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 2015.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional